

## Biblioteca de Cultura Social

Sobre a direção de Manuel Ribeiro

Vulgarização portuguesa das mais notáveis obras sociológicas em volumes de 200 a 300 páginas. Doutrinária, escrupulosamente seleccionada, a nova *Biblioteca* colaborada por eminentes e consagrados publicistas, trará o público ao corrente dos grandes trabalhos de comentário e análise aos fenómenos sociais que se operam no domínio político e económico transformando o mundo.

Em preparação :

### I — O Sindicalismo contra o Estado por Paulo Louis

Profundo estudo de sindicalismo e da sua acção revolucionária contra o Estado moderno, condenados a desaparecer perante a invasão crescente das instituições sindicais.

### II e III — A Ciência Moderna e a Anarquia por Kropotkine

A última obra do grande pensador russo que é ao mesmo tempo, cientista, sociólogo e revolucionário. Neste notável trabalho de Kropotkine, a «Última Palavra sobre a Anarquia», dá-se desenvolvimento a sua moderna definição ampliada e demonstra-se com dados científicos irrefutáveis que as sociedades não só tendem para a Anarquia, mas que ela própria é o único caminho lógico para as sociedades progredirem e o homem poder viver a vida feliz a que tem direito.

Preço de cada volume \$40 ctvs. (400 rs.)

## Biblioteca Popular Internacional

Dirigida por Manuel Ribeiro

É num domínio mais restrito o acessível outra publicidade de carácter económico e social. A *Biblioteca Popular* será constituída por pequenos volumes de formato elegante, escolhidos entre os melhores opusculos e trabalhos sintéticos originaes sobre a magna questão social.

Em preparação:

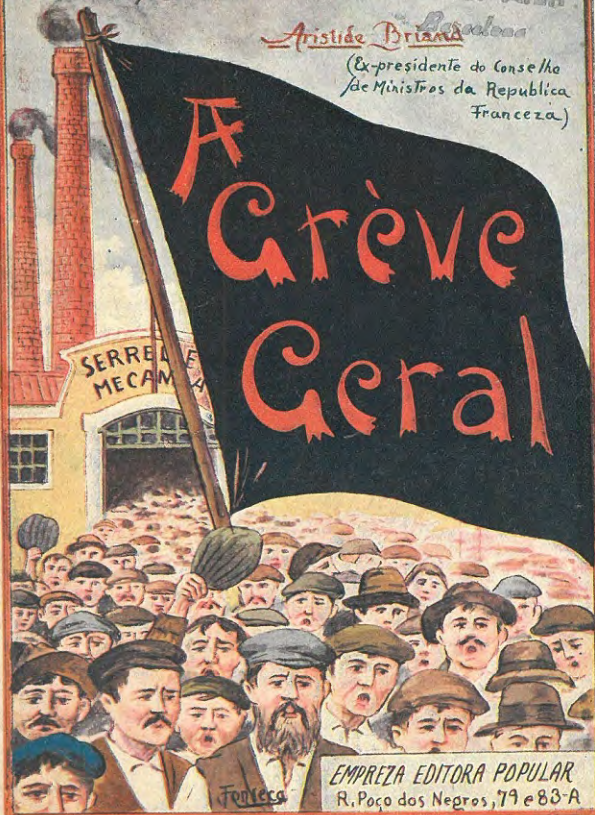
### I — A Comuna, por Luisa Michel

### II — Os Professores e o Sindicalismo. por Laurin

Preço de cada volume \$25 ctvs. (250 rs.)

Biblioteca de Propaganda Social - N.º 6 C.D.E.S. - A.E.P.

Aristide Briand  
(Ex-presidente do Conselho  
de Ministros da Republica  
Françesa)



ARISTIDE BRIAND

(*Ex-presidente do Conselho de Ministros  
da Republica Francaza*)

007492

# A Greve Geral

(Discurso na íntegra, pronunciado no Congresso  
Geral do Partido Socialista Francez em 1899.)



Aristide Briand — A greve geral é uma necessidade porque é uma consequencia da evolução economica.—O objectivo da organização sindical—O ponto de vista politico e revolucionario—A revolução e a greve geral não se decretam, nem para ellas se vai sem preparação— A revolução é o resultado da evolução —A violencia. — E' se revolucionario, não por afeição á violencia, mas por necessidade, por fatalidade e até por destino — Conclusão.

EMPRESA EDITORA POPULAR

*Rua do Poço dos Negros, 79 a 83-A*

LISBOA



ARISTIDE BRIAND

(Ex-presidente do Conselho de Ministros da República Francesa)

007482

A Grande Revolução

DOCUMENTO DE ARISTIDE BRIAND  
Ex-presidente do Conselho de Ministros da República Francesa em 1892



destino — Conclusão.  
necessidade por satisfação e até por  
rio, não por rejeição à violência, mas por  
— A violência — É a revolução  
revolução é o resultado da evolução  
para elas se vai sem preparação —  
e a greve geral não se decretam, nem  
político e revolucionário — A revolução  
organização sindical — O ponto de vista  
da evolução económica — O objectivo da  
necessidade porque é uma consequência  
Aristide Briand — A greve geral é uma

EMPRESA EDITORA POPULAR

Rua do Poço das Negras, 73 e 83-A

LISBOA

# Aristide Briand

## O que êle era, o que êle é...

O autor deste folheto é nada mais, nada menos, do que um **ex-presidente do Conselho de Ministros da Republica Francesa**. Sim, porque Briand, antes de ter escrito o que se segue, antes de ser ministro, — ou por outra, enquanto viveu — empunhava, cortando o espaço com o seu clarão redentor, o facho da revolta, que ele fazia tremular com a sua ardência de revolucionario virulento, consciente e avançado, acompanhando admiravelmente com os seus irmãos em ideais — Clemenceau e Viviani — na dinamite que expelia, em fluidos de retorica, por todas as partes do corpo, inclusive os olhos.

Mas, voltando á vaca fria, como soe dizer-se, não me admirava nada que o autor dum trabalho como este, fôsse um deserdado da sorte, um oprimido, um explorado, pois, assim, melhor se justificavam as suas manifestações de destruição; mas, que surja um encaçado, um "senhor considerado como um talento e que, para cumulo, pertence á classe dos privilegiados", é razão de sobra para que êle se traduza e publique, porque, então, a sua propaganda subversiva e revolucionária é mais fecunda e autorisada.

"Todos conhecem o seu passado e, desgraçadamente, o seu presente." Do futuro... Eu sei lá os im-

previstos que êle será capaz de nos proporcionar ainda.

"Nasceu e desenvolveu-se como todos os mortais. Mal chegou a homem, principiou por se afirmar tal, mas, influenciado pelo, meio deixou de o ser. E um dia, sem que mal nos precatassemos, appareceu-nos presidente do Conselho de Ministros."

"Emquanto foi homem, apregooou as ideias socialistas, não á maneira de Jaurés ou Paulo Iglezias, mas, revolucionariamente, preconizando a *Greve Geral*, que defendia com todo o entusiasmo da sua juventude."

"Acusava os seus correligionários—companheiros—de conservadores; propagava aos soldados que não disparassem contra os grévistas;" que os grévistas não deviam consentir em ser mobilisados... eu sei lá o que êle não propagandeou. Tudo que um coração ardente de revolucionário e de joven pode conceber para atirar com a burguesia a terra.

Afinal, foi êle que realisou, não digo já primeiro, mas, melhor do que nenhum, todo o programa torvo de defeza da burguesia.

Mobilisou grévistas; ordenou prisões; mandou **atirar** contra elles...

O caso mais grotesco de Briand, no poder, foi

quando a "Bataille Syndicaliste", de Paris, publicou um velho artigo da sua autoria, mas, sem lhe pôr, como é costume, o nome do pai; e vai daí, Briand, mandou querelar o jornal e, por consequência, o autor do mesmo artigo.

Já não se lembrava, ou *enjeitou* conscientemente o *filho?*

Emquanto não foi deputado, bem esteve a coisa, era o grande batalhador em defeza dos oprimidos, mas, uma, vez eleito, adeus... socialismo."

Seja o que fôr e como fôr, recomendo-lhes a obra-sinha—recomendendo-lhes tambem que lhe não tomem as ideias ao pé da letra, sabido já que existe, não sei porque motivo, a tendência para apreender das ideias emancipadoras sómente a parte destructiva — em se importarem se é de Briand, porque, afinal, *Brians*, ha muitos.

Emfim, estas paginas são, ao mesmo tempo que um trabalho de propaganda, um documento biográfico do seu autor, que não é de todo inútil arquivar.

Pela copia:

○ que traduziu.



A Greve Geral é uma necessidade, porque é uma consequencia da evolução económica

#### COMPANHEIROS:

A Greve Geral é uma concepção a que muito particularmente tenho dedicado os meus esforços de propaganda, e felicito-me por tê-la feito adoptar pelo primeiro Congresso corporativo a que foi submetida. Estes antecedentes impoem-me, de certa maneira, um dever de paternidade que me proponho cumprir sem interrupções. Em troca,—prometo-vos—vou diligenciar nada dizer que possa molestar, levemente que seja, nenhuma das opiniões em que se divide esta Assembleia.

Desde já faço a delaração de que, sobre este ponto da ordem do dia, não estou de acôrdo com os companheiro da organização a que pertença.—A Confederação dos Independentes—porque não quero que o Congresso suponha que falo em seu nome.

Ontem pedi que este assunto da Greve Geral fosse tratado á parte, porque entendo que merece a honra de uma discussão particular: primeiro porque é verdadeiramente interessante por si mesmo; e finalmente, porque o Congresso do Partido Socialista terá, assim, ocasião de assignalar a sua deferencia aos Congressos das organizações sindicais realisadas em Marselha, Nantes, Limoges e Rennes, que se pronunciaram afirmativamente sobre o mesmo assunto. E' notavel, para mim, que, sob a influencia de preocupações políti-

cas, alguns dos nossos companheiros, os melhores e os mais escutados, com um acentuado e imerecido desdem, achem necessario afastar a concepção da Greve Geral.

De duas uma: ou os Congressos operarios teem razão ao adoptar esta tática, ou não a teem. De qual-quer maneira, é absolutamente necessario que os partidarios da Greve Geral venham dizer as razões porque a teem aconselhado, e que os seus adversarios, igualmente, digam porque a desprezam; o Congresso resolverá. Se a Greve Geral é, de facto, julgada uma arma perigosa, é urgente, indispensavel mesmo, que o proletariado seja informado, para que abandone, quanto antes, o caminho que, a meu conselho e de alguns dos meus amigos, vem percorrendo.

Por mim, continuo a achá-la boa e fecunda, tenho a coragem de o declarar, e tenho esperança que todo o Partido Socialista entrará nela com o proletariado.

Companheiros: Por paradoxal que esta declaração possa parecer-vos, e ainda mesmo que cause admiração áqueles dos nossos amigos do Partido operario francez que desde o Congresso de Marselha me vem apodando ironicamente de «general grevista», declaro, desde já, que, pessoalmente, sou mais hostil do que favoravel á greve. Não sou um pregador de grèves... (*Protestos*). Companheiros, não me interrompeis; tenho argumentos em que estribar-me; peço-vos um pouco de atenção.

Quando digo que não sou partidario da greve, refiro-me á greve parcial. Julgo-a nefasta, e, ainda que se consigam resultados favorais, considero que jámais compensam os sacrificios feitos. A greve parcial termina, as mais das vezes, pela impotencia, porque os operarios comprometidos no conflicto nem sempre se encontram frente a frente com os patrões, que estão isolados. Em boa verdade, os isolados são os grevistas, até mesmo quando teem o apoio moral e material do resto do proletariado. ¿Que representa esse apoio

comparado ao que os poderosos encontram nos poderes públicos? O patrão nunca está só; tem sempre consigo e para si todos os meios de agressão de que dispõe a sua classe, o conjunto das forças sociais organizadas: magistratura, funcionários, soldados, guarda republicana, polícias. (*Aplausos.*)

*Uma voz.*—E o ministério... E Millerand.

*Continuando:*—Podeis nomear as personalidades que quizerdes. Tendes tempo de desabafar os vossos sentimentos particulares. Mas, agora, tratando-se de um assunto especial como este, rogo-vos que deis treguas á vossa animosidade, não envolveis a pessoa dum companheiro numa discussão em que nada tem que fazer. (*Aplausos.*)

Companheiros, a situação é esta: dum lado, o patronato comprometido em cada greve que surge, e isto sempre duma maneira efectiva; do outro, o proletariado, sempre isolado nos conflictos economicos; qual é o resultado? Depois de varias experiencias, os trabalhadores conscientes aperceberam-se da inutilidade, ou, melhor, da insuficiencia dos seus esforços, e perguntaram-se se seria ou não possivel conseguir maior soma de beneficios com a organização sindical.

O resultado das suas reflexões foi o que devia ser; conduziu-os instintivamente á concepção da Greve Geral; de maneira que me bastou, nas conferencias e nos Congressos, separá-la, dar-lhe uma forma precisa, para me achar em immediata comunhão mental com os representantes do proletariado organizado.

O segredo da força desta ideia, consiste em que surgiu no mundo do trabalho como consequencia natural da mesma evolução economica. E desde já o afirmo, reparaí bem, que é impossivel, sob o ponto de vista economico, não ser partidário da Greve Geral quando se toma parte na organização sindical. (*Aplausos.*)

## O objectivo da organização sindical

Qual é, afinal, o ponto culminante da organização sindical? De certo que não limita a sua esfera de acção á criação de Sindicatos, ou Federações mais ou menos numerosas? Pelo menos, assim o julgo. Quando aconselhais aos trabalhadores que se agrupem em Sindicatos e aos Sindicatos que se federem entre si, de certo que tendes em mira uma vasta organização definitiva em que se achariam representadas todas as forças do trabalho.

Não pensais, tão pouco, em que se detenha na Federação dos mineiros, dos metalurgicos, dos da construção civil, mas sim, esperais que, num dado momento, todos essas federação de officio se federem entre si numa Confederação Geral do Trabalho.

Logo, companheiros, quando vós, militantes,—e ainda bem que a maior parte assiste ás sessões deste Congresso,—quando aconselhais a criação dum Sindicato, não vos reconheceis o direito de propor aos futuros sindicatos que tirem do seu pensamento a greve, que escluam dos seus estatutos a eventualidade da greve. Se já sabeis que, num dado momento, pode surgir um conflicto entre os patrões e o Sindicato, e que para o resolver será imprescindivel recorrer á greve. Não ides, certamente, impor aos trabalhadores que a façam, mas, procurareis, é esse o vosso dever, interessa-los para se preocuparem com ella como de uma eventualidade inevitavel.

Se admitis este principio, ficais comprometidos; não é possivel subtrair-vos ás consequencias e tereis que ir até ao fim.

Imaginai, com efeito, que em lugar de vos dirigirdes a Sindicatos em formação, tereis de falar perante os representantes da «Confederação Geral de todas as forças organizadas do Trabalho». Considerando os diversos modos de acção que podem ofere-



recer-se para assegurar o triunfo de reivindicações comuns a todo o proletariado, ficareis fatalmente obrigados a dizer-lhes:

Quando exposésteis as vossas reivindicações ao patronato, quando vos convencesteis que permanece irreduzível perante a legitimidade das vossas exigências, então, tal qual como em identicas circunstancias se impõe ao exame do Sindicato a penosa eventualidade da greve parcial, assim se imporá também ao vosso exame a eventualidade mais temível, mas mais fecunda, da greve geral... (*Aplausos.*) da greve geral que, defrontando o patronato, levantará pela primeira vez o proletariado inteiro. (*Aplausos entusiasticos.*)

O *companheiro Filliol*.— Ora aí está a revolução triunfante! (*Exclamações e protestos.*)

*Continuando*.— Desejo vivamente que essa ironia se traduza em argumentos serios aqui, na tribuna. Espero, por isso, que os adversarios da greve geral venham aqui expor as razões que, desde o seu início, os faz considerar esta ideia como uma utopia. Pela minha parte, já sabeis, considero-a essencialmente pratica.

Dizeis que é uma utopia? Pois se persistis em assim a julgar, torna-se necessario que declareis e considereis, também, como um fracasso toda a tentativa para determinar uma corrente profunda de solidariedade operaria; deveis igualmente dizer-nos que o movimento sindical está condenado a não alcançar jamais o seu completo desenvolvimento, que tendes os trabalhadores como demasiado inconscientes para formar, num dado momento, uma Confederação Geral. Pois, eu tenho mais confiança n'elles, e estou convencido de que, com a ajuda da propaganda e multiplicando-se os Sindicatos, adquirindo cada vez mais uma noção mais clara dos seus interesses, **dos seus direitos e dos seus deveres**, os trabalhadores realisarão a união, tão certo como nós sairmos «unificados» deste Congresso. Sim, um dia, todos os trabalhado-

res, estreitamente agrupados sob a forma sindical, oporão uma força invencível a esse patronato que não esperou que os trabalhadores adquirissem consciencia dos **seus direitos e dos seus deveres** para unir-se contra o proletariado. (*Aplausos.*)

### O ponto de vista politico e revolucionario

Não insisto mais sobre este ponto especial do assumpto, e eis-me chegado ao segundo aspecto, que será, indubitavelmente, objecto principal da discussão, sobre o qual podem haver reservas e oppor objecções o ponto de vista politico e revolucionario. Com effeito, esta nova tactica não tem por unico fim servir os interesses puramente economicos, mas, também e oportunamente, pode empregar-se com a mesma efficacia em defeza das liberdades politicas, que o proletariado considera, e muito bem, como condição expressa e essencial da sua emancipação definitiva. Com esse fim foi votada pela primeira vez, no Congresso corporativo de Marselha, em 1892, a organização da greve geral.

A' pouco, quando eu previa a possibilidade de semelhante batalha entre o assalariado e o patronato, alguns companheiros disseram: «Isso será a «Revolução!» Pois, «eu digo o mesmo»; estou convencido que a greve geral «será a Revolução» sob uma forma que dá aos trabalhadores mais garantias que as do passado e em que está menos exposto a surpresas, sempre possíveis, nas combinações exclusivamente politicas.

Victorioso pela Greve Geral, o proletariado conserva as posições conquistadas, posições que uma preparação prévia, e adequada á evolução mesma e dela nascida, que lhe permite administrar por si mesmo, sem ter necessidade, como antes disso, de con-



fiar a outros o cuidado, sempre perigoso de tirar partido da victoria.

Não é já uma revolução que gira em volta de formas falases, não se trata já, somente, de conquistar para o povo a faculdade pueril e quimerica de inscrever no frontão dos edificios publicos os seus direitos á liberdade, á egualdade, á fraternidade. E' uma revolução nas coisas que, finalmente, permite ao homem passar do campo das palavras ao das realidades. (*Aplausos*).

A opposição apaixonada, feita pelos homens mais eminentes do partido operario francez á concepção da Greve Geral, é tanto menos compreensivel, como inadmissivel é que os marxistas tenham atribuido sempre á evolução economica uma influencia decisiva sobre a modificação dos meios sociaes.

Não baseou principalmente Marx a esperança da proxima revolução sobre a situação antagonica que resulta do caracter "privado" do modo de produção!

Como se compreende que homens, como Guesde e Lafargue, imbuidos desses principios, possam julgar utópica a ideia da greve geral, cuja consequencia é a expropriação dos instrumentos de produção por aqueles que já estão sistematicamente organizados para os fazer funcionar? Não lhes parece, companheiros, que se a Revolução, alguma vez, terá que ferir a nota da lucta de classes, será, principalmente, esta?

A Revolução e a Greve Geral não se decretam, nem para elas se vai sem preparação. A Revolução e o resultado da evolução

Estou a ouvir esta objecção: «Se a Greve Geral é a Revolução, porque não ir directamente ao fim,

preparando á Revolução? Se os trabalhadores estivessem preparados para a Greve Geral, não o estariam, egualmente, para a Revolução?» Outros dirão ainda: «A Revolução não se organisa, não se decreta, não depende da vontade dos individuos; é o resultado das circunstancias, o ponto culminante da evolução que se impõe aos homens...» Já vedes que não procuro esquivar-me ás dificuldades da discussão.

Concordo, companheiros, em que a greve geral, a Revolução, não pode decretar-se antecipadamente para uma data certa; concordo, em que a «Revolução» desgraçadamente assim é, não depende de algumas boas vontades; e se assim não fosse, ha quanto tempo a terieis feito. Não ousou negar a preponderancia da evolução e varias outras circunstancias. (*Aplausos*). Porem, creio—e faço esta observação porque não sou fatalista—que a vontade humana pode apressar a marcha da evolução e contribuir poderosamente na modificação das circunstancias.

Não ha duvida, tambem, que, por mais duma vez, se têm apresentado muitas circunstancias revolucionarias das quaes os homens, por falta de preparação suficiente, não souberam tirar proveito. O proletariado tem-se inclinado, frequentes vezes para a rebeldia, sem ir até á Revolução por falta de meio. Oferecendo-lhe o meio,—a greve geral—fica, precisamente, em condições de desenvolver as suas disposições latentes.

Noutro tempo podia-se incitar o povo á revolução, e essas excitações não o deixavam sceptico, por que lhe recordavam a barricada, as lanças, as armas adquiridas por casualidade. Agora, quando dizeis ao oprimido: «revolta-te!», mostra-vos, desalentado, as largas avenidas que, desaconchegadas, não aconselham a barricada, e pergunta-vos se tendes armas á sua disposição para responder ás da burguezia. (*Vivos e entusiasticos aplausos*).

Aconselhar os vossos militantes a fazer a revolu-



ção? Ah! companheiros, bem a desejam; e, se isso dependesse, simplesmente, deles, depressa viriam para a rua; mas não vão porque bem sabem como seriam recebidos... (Aplausos), porque sabem que os seus esforços seriam afogados em sangue...

Uma voz: Como em 1871!... (Aplausos).

Continuando: Compreendem muito bem que a Revolução de amanhã, a que emancipará o proletariado, não pode ser tentada com vantagem seguindo os velhos processos revolucionários. Isto não quer dizer que eu os reprevo. Sou daqueles que sentem escrupulo em desanimar as boas vontades, sob qualquer forma que se apresentem.

Ide para a batalha com o boletim de voto, se o julgais útil, porque nada tenho que vos dizer. Eu mesmo já lá tenho ido como eleitor e como candidato, e lá voltarei amanhã. Ide com lanças, com espadas, com pistolas, com espingardas, porque não serei eu quem lhes condenará o gesto, antes cumprirei um dever, se nessa altura me alistar nas vossas fileiras. Não desanimeis os trabalhadores quando queiram unir-se para uma acção que lhes é própria e em cuja eficácia têm motivos para acreditar. Porque, finalmente, companheiros, que ganharíamos com uma revolução á antiga, que se iniciasse em Paris, primeiro, e depois, sucessivamente, em cada uma das cidades onde temos amigos, onde as nossas ideias têm progredido? Não se deve esquecer que a classe burguezia, em virtude de ter á sua disposição os meios de transporte, um exercito facilmente mobilizavel, teria grandes probabilidades de sufocar, á maneira que se fossem reproduzindo, as nossas tentativas de rebelião.

Uma voz: Como na Comuna.

Continuando: Sim! companheiros, se a Comuna foi vencida, a principal causa foi o ficar isolada em Paris. (Apoiados). Com a greve geral não temos que recear tal inconveniente, porque a batalha se iniciará

quasi simultaneamente em toda a parte. A mobilização dos trabalhadores será tão rapida como a dos soldados, e a burguezia terá que defrontar o perigo em toda a parte e ao mesmo tempo.

Depois, a greve geral apresenta sobre todos os outros processos revolucionarios outra incontestavel vantagem: dá aos trabalhadores mais confiança e valor. E' claro que terá que contar-se com as fraquezas humanas. O homem não se lança assim tão facilmente no perigo, e no momento em que se dispõe a sair de casa para tomar parte na lucta, expondo-se á morte, ha sentimentos que lhe disputam o espirito de revolta e o determinam a ficar em casa; ha-de sofrer as supplicas das mulheres e dos filhos; entre ele e a rua, que o chama, levantam-se graves responsabilidades e, apesar da sua boa vontade, vacilla, domina-se, torna a vacilar e... fica. (Aplausos).

A greve geral apresenta ao militante esta vantagem, tem isto de seductor, que é, em resumo, o exercicio de um direito incontestavel. (Aplausos). E' uma Revolução que começa na legalidade e com a legalidade. Negando-se ao jugo da miseria, o operario revolta-se no gozo pleno de um direito. Illegal se mostra a classe capitalista, querendo coartar um direito que ella mesma sancionou. (Vivos aplausos). Mais coisas teria ainda que dizer, porem, chamou a minha atenção para me notificarem que já passou o tempo marcado para falar.

Varias vozes: Fale, fale.

Uma voz: E o exercito?

Continuando: O exercito, é, com effeito, o verdadeiro obstaculo, o perigo com que tem que se contar no caso da Greve Geral.

E' preciso, realmente, ver o que é o exercito nas mãos da classe capitalista.

Uma voz: Prepara-se a greve dos militares.

Continuando: Tendes razão. Pode-se preconisar a greve dos soldados, e até se pode prepara-la. Os

nossos jovens militantes têm-no, de facto, aconselhado aos operarios que deixam a fabrica e aos camponezes que deixam o rabo do arado para irem para o quartel, porque ha deveres muito superiores a cumprir alem dos que a disciplina lhes quer impor. (*Aplausos e aclamações prolongadas*). Mas, companheiros, não creio da eficacia dessa propaganda que, a dar resultados, não compensa o esforço dispendido. A disciplina é ferrea, brutalmente aggressiva, para que os cerebros possam emancipar-se a tal ponto que os deveres do cidadão sobrelevem os deveres do soldado.

Mas, enfim, quem semeia, tarde ou cedo colhe, e no caso de Greve Geral, o exercito, em consequencia da propaganda, não seria já um instrumento tão maneavel, tão docil nas mãos da burguezia. (*Aplausos*). E ela, que não ignora a força dos sentimentos familiares, tem-se absteído, prudentemente, de por-lhe frente a frente a disciplina. A mesma prudencia burgueza faz com que, salvo raras excepções, os jovens cumpram o serviço militar isolados das suas familias, em quartéis afastados. Graças ainda a essa prudencia, a classe capitalista viu os resultados em Fourmies, quando as balas Lebel atravessaram os corpos dos operarios da mesma região. (*Fartos aplausos*).

Num caso de Greve Geral, essa inicuca combinação fracassaria, porque no exercito seriam muitos o filhos, os irmãos, os primos, os parentes em qualquer grau, dos operarios em greve; e quando ao soldado que faz serviço noutra região e deixou na sua terra uma familia de trabalhadores, lhe mandassem atirar sobre os grevistas, poderia muito bem fazer-se esta reflexão: "Se me mandam atirar sobre estes operarios que se me apresenta como se fossem estranhos, quem sabe se aos soldados que estão na minha terra, lhe mandam atirar ao meu pae, a meu irmão, ou qualquer dos meus...? (*Muitos aplausos*). Então, se a ordem de fazer fogo persistisse, se o official, tenaz, quizesse, apesar de tudo, vencer a vontade do soldado invadida

por taes pensamentos, oh! o tiro partiria, mas, quem sabe se em direçãõ diversa...

Não será esta consideração favoravel á concepção da Greve Geral, a possibilidade de enfraquecer assim o exercito nas mãos da classe capitalista? Isto sem contar que o exercito seria insufficiente para fazer frente a semelhante movimento. Tendes observado, por certo, as dificuldades com que luctou a burguezia nas ultimas greves; pelo esforços consideraveis que fez para deter o movimento de solidariedade que se desenvolvia pelo contacto com as corporações de Paris e que ameaçou extender-se aos ferro-viarios, podeis julgar o que teria que fazer no caso de uma greve geral dos trabalhadores francezes. (*Aplausos*).

Podeis opôr-me os resultados das greves a que acabo de me referir, mas, essas greves foram parciais. Em todas as guerras ha escaramuças e grandes batalhas; as escaramuças raras vezes dão resultados positivos, mas preparam as grandes batalhas.

Reconheçamos, para sermos justos, que a recente tentativa abortou em consequencia de circunstancias excepçionaes, porque os trabalhadores, por espirito de abnegação que, julgo, nenhum de vós reprovará, acreditaram que deviam sacrificar á liberdade o prejuizo dos seus interesses particulares; e depois, tambem, necessario é dize-lo, a propaganda da Greve Geral não se tinha feito e o proletariado não estava preparado.

*Uma voz*: — Alguns socialistas ainda a combatem...!

*Continuando*: — Permitam-me que afirme, ainda assim, que, apesar do fracasso em questão, os trabalhadores não se desmoralisaram. Pelo contrario, a experiencia desbravou-lhes o caminho, desejam começar, novamente, com ardor, tão depressa as circunstancias o permitam. (*Aplausos*).

*Uma voz*: — Nunca mais acaba!  
*Continuando*: — Não desejo outra coisa, mas, terei



que pôr de parte alguns pontos sobre os quaes desejava expender a minha opinião.

**Outra voz:**— Se todos os oradores falassem tanto...

**O companheiro Lenormand:**— Guesde falou o tempo que lhe apeteceu!

**O Presidente:** O tempo de que o orador precisa para terminar não vai além de cinco minutos; a assembleia permite-me recordar-lhe que o companheiro Briand é, em França, um dos principaes propagandistas da ideia que se discute neste momento. Peço, pois, á assembleia, por esta razão, que o escute, ainda mesmo os que têm opiniões contrarias, mais alguns minutos. (Aplausos; gritos.) Fale! Fale!

**Continuando:**— Quando ha pouco falava do exercito em períodos de Greve Geral, alguém fez esta objecção: Sim ou exercito será insufficiente, dado o numero consideravel dos grevistas, mas, a sociedade burgueza terá um meio muito simples de o aumentar: mobilisar os grevistas.

Com efeito, isso seria um meio; reconheço-o; mas creio, que num facto tão grave, a burguezia teria muito que pensar antes de meter espingardas e balas nas mãos dos grevistas. (1) (Aplausos.)

A violencia.— É-se revolucionario, não por afeição á violencia, mas por necessidade, por fatalidade e até por destino.

Já agora, quero responder, tambem, aqueles dos

(1) Não esquecer que foi Briand, em França, senão o primeiro, um dos primeiros, que praticou a mobilisação de operarios em caso de greve. Entre nós, praticou-a o ex-ministro da guerra Norton de Mattos, com os Correios e Telegrafos, em 1917, pretendendo obriga-los a trabalhar, então já como militares, o que não conseguiu, mas, não lhes metendo armas na mão. A mobilisação de grevistas, poderá, com muita violencia, efectivar-se em algumas classes, mas em outras é absolutamente impossivel; e a dar-se os resultados seriam negativos como constata Briand.—N. do T.

nossos amigos a quem um instituto horror de toda a violencia leva a esperar que a transformação da sociedade se faça, unicamente, com a evolução. Na sua generosidade não podem admitir que as modificações profundas de que têm que ser objecto os homens, possam ser precedidas de necessarios cataclismos sociais. O seu optimismo presiste em acreditar que o proletariado pode ir até á sua emancipação por um caminho menos doloroso, o das reformas.

Ha-os até, que esperam que a quantidade de justiça e humanidade das nossas ideias bastará para que vença a causa socialista, ainda mesmo entre os nossos adversarios de classe, bastante generosos para nos permitirem alcançar o nosso fim sem sobresaltos nem empurrões.

Lindos sonhos na verdade, mas não deixam de ser sonhos; e se nos detivessemos muito tempo neles, as decepções, cruéis decepções por sinal, não se fariam esperar.

Se é verdade que as classes dominantes se têm, por vezes, sob a influencia de certa generosidade, inclinado em beneficio dos oprimidos, fazendo concessões de justiça e humanidade, deve reconhecer-se tambem, que a «Noite de quatro de Agosto» e varios outros factos são acontecimentos raros na vida dos povos. Não será demasiado perguntar, por exemplo, no nosso paiz, se a renuncia aos privilegios foi tão espontanea como alguns pretendem, e se a tomada da Bastilha não teve uma grande influencia sobre aquela manifestação generosa.

A historia prova-nos que o povo apenas tem obtido uma parte do muito que ele mesmo podia ter tomado.

Que etapas tem a marcha da humanidade que não estejam assinaladas com sangue? Se até fóra dos períodos revolucionarios e quasi sempre sob a influencia de uma ameaça é que se tem conseguido sucessivamente as poucas regalias que temos. Sem ter em mira negar

o papel da evolução sobre as reformas conseguidas, posso afirmar, sem receio de ser contraditado por ninguém, que a realisação efectiva dos progressos sociaes se tem prorrogado sempre sobre a mesma evolução. Reconhece-se a necessidade do golpe decisivo, o esforço supremo, sempre revestido da forma revolucionaria, ainda que não se limite senão á ameaça. (Apoiados.)

"O nosso partido é e ha-de ser revolucionario", não por diletantismo, nem por afeição á violencia, mas por necessidade, e de certo modo até por fatalidade, por destino. A sua acção perderia muito da sua efficacia, tornar se-ia consideravelmente pequena, se não tivesse sempre nas suas mãos uma alavanca poderosa para uma pressão necessaria sobre a sociedade capitalista.

Não, companheiros, não é unicamente a força da persuasão, ainda que unida á das circunstancias, o sufficiente para ditar leis á burguezia. Mais ainda: Dictadas essas leis, que garantia teriamos do cumprimento das mesmas, se a sanção não se apoiasse na força revolucionaria, permanente e continua do proletariado organizado? Não iludiram os patrões, com extrema facilidade, o decreto de 1848 sobre a exploração do trabalho e demais leis de protecção operaria?

Logo, é forçoso reconhecê-lo, a palavra revolução, evocadora dos remotos tempos de rebeldia, já não tem o dom de atemorisar os nossos adversarios de classe. Contra essa eventualidade, têm tomado tantas precauções, que se julgam de todo em segurança.

Com a Greve Geral succede o contrario. A Greve Geral para a sociedade capitalista é o desconhecido, sempre temido, o adversario misterioso cuja força se presume grande e irresistivel, tanto mais que não houve, ainda, ocasião de medi-la. (Aplausos.)

A burguezia não disfarça, não pode disfarçar as suas inquietações sobre tão grave assunto. Todos os

seus esforços são no sentido de impossibilitar tal eventualidade.

Logo que foi votada a Greve Geral nos Congressos operarios, simultaneamente foram apresentados no Parlamento, projectos de leis tendentes a privar os proletarios do direito de se unirem, de se associarem emfim, para a sua defeza.

Sabe-se a facilidade e a prontidão com que, quando se trata da defeza dos seus interesses, os nossos adversarios violam os principios já estabelecidos e as garantias mais essenciaes da Democracia, e tem-se o direito de perguntar porque motivo têm sido indefinidamente aprasados os projectos de Merlin, Cordelet e Trarieux.

A resposta é simples: As camaras não têm tóca do no direito de associação porque, em presença das ameaças de greve geral que eram formuladas por todos os sindicatos, recearam provocar com tal desafio ao proletariado, o acontecimento que os ditos projectos de lei pretendiam evitar, coartando aos operarios um direito que usufruem á custa de muito sangue.

Tenho, pois, o direito de proclamar: Se, em vespas de cometer tão grande infamia, a burguezia se concede prazos, é porque se crê obrigada pelo medo a transigir. (Aplausos.)

Julgo que este é um dos lados da questão que merece a pena ter na devida conta; e pense-se ainda que, para o obter, não é necessario mais nada do que agitar o velho espectro revolucionario.

O partido operario francez compreendeu e sentiu tão fortemente a necessidade de opor á sociedade capitalista uma acção revolucionaria mais conforme e que melhor se adaptasse ás exigencias da evolução, que foi dos primeiros a aderir com entusiasmo á ideia da manifestação do Primeiro de Maio.

No entanto, o que foi, na realidade, o Primeiro de Maio, senão um primeiro ensaio de mobilização,



uma primeira tentativa de Greve Geral? Como se compreende que as organizações socialistas, quando tiveram a ideia de dirigir ao regime burguez uma intimação definitiva, recorressem a esse meio se a sua efficacia lhes parecia duvidosa?

Quando se recorda o efeito que produziu sobre os nossos adversarios só o conhecimento dessa manifestação formidavel, tem-se o direito de supor que o Primeiro de Maio teria sido menos platónico se em vez de se converter em simples pretexto de festas familiares e de etapas junto dos poderes públicos, tivesse tomado desde o seu inicio e conservado, está claro, o caracter de um protesto revolucionario. (Aplausos).

Podereis dizer que isto pertence ao dominio das hipoteses. Pois seja. Quem poderá negar que o principio de Greve Geral que se declarou na Belgica em 1893 teve uma influencia decisiva na inscrição do sufragio universal—pelo menos em principio—na legislação daquele paiz?

Dêem-me licença, a proposito, para evocar, muito ao de leve, uma recordação pessoal.

Ao segundo Congresso de Marselha, o do partido operario francez que se realizou apóz o Congresso das organizações syndicaes, assistiu o companheiro Anseele, da Belgica. Depois de eu ter desenvolvido os argumentos favoraveis á Greve Geral, respondeu-me que, pessoalmente, não acreditava na efficacia desta tactica.

No numero das rasões alegadas por ele, havia esta: —No meu paiz, onde a população operaria é mais densa, creio que a Greve Geral é de impossivel realisação.

Alguns mezes depois, os tabalhadores belgas eram os primeiros que faziam a experiencia da nova tactica revolucionaria. O resultado do seu esforço, ninguem o ignora: O Parlamento belga, assustado, cedeu. E se as suas concessões se limitaram ao voto plural, de-

verse, quiza, a uma especie de transação feita entre o terror dos partidos burguezes, e a vacillação, a pouca confiança, vá lá, dos chefes socialistas na efficacia da nova tactica. (Aplausos).

Entre nós, também, mas sobre o ponto de vista económico, pelo menos, a concepção da Greve Geral exercen felicissima influencia sobre a orientação do proletariado. Indicando aos trabalhadores um fim de organização; oferecendo-lhes um meio de emancipação em cuja efficacia acreditam firmemente, tem contribuido, poderosamente, para dar á acção sindical mais confiança e método.

A esta influencia tem que attribuir-se o espirito da nova tactica, que inclina o proletariado a renunciar cada vez mais aos esforços parciaes, desordenados, em que antes se perdia tanta energia e confiança; para recorrer a esses grandes movimentos de conjunto; nos quaes tomam parte trabalhadores de regiões inteiras, verdadeiras greves sociaes que búlem com o socego capitalista e obrigam os governos burguezes, com quebra dos seus principios, a tomar uma parte de responsabilidade na resolução dos conflitos economicos. (Aplausos).

C. D. R. S. - A. E. P.

Barcelona

Conclusão

E eis que estou chegado, companheiros, ao termo desta série de considerações, agradecendo-vos o tempo que tomei á vossa atenção, respondendo, finalmente á ultima objecção.

Argumentam-me, frequentes vezes, que a propaganda da Greve Geral apresenta o grave perigo de que os trabalhadores, julgando-se suficientemente organizados, paderiam não resistir ao desejo de experimentar a nova tactica sem oportunidade e em circunstancias desfavoraveis.

Ao que eu respondo, que semelhante tentativa, se

as circunstâncias não fossem favoráveis, fracassaria sensivelmente ao principio. A greve assim iniciada, por uma ou mais industrias, não se generalisaria, e em consequencia disso não traria mais inconvenientes do que os inherentes a todo o aborto de greve.

Mas, quando organisamos comités para a Revolução não nos expomos ao mesmo perigo. Uma vez dispostos, estamos tambem expostos a que tenham o desejo intempestivo de experimentar as suas forças. O receio dessa eventualidade ainda nos não impediu de agrupar militantes para a acção. Porque havemos de ser mais timidos na organização dos trabalhadores para a Greve Geral?

Acreditai-me, companheiros, esta ideia é fecunda. Não a combateis mais; ajudai-nos, pelo contrario, a propaga-la. Acolhendo-a no seu seio, o partido socialista fará obra revolucionaria, e a união que sáia deste Congresso será mais completa, não sendo exclusiva de um modo de acção pelo qual o proletariado sindicado tem dado provas bem claras das suas preferências. *(Prolongados aplausos; o orador e muito cumprimentado ao tomar o seu lugar).*

Concluido

1905  
Biblioteca de Propaganda Social